

OS 13 PORQUÊS

Título original: *Thirteen reasons why*
Título da edição brasileira: *Os 13 porquês*
© Jay Asher

All rights reserved including the right of reproduction in whole or in part in any form.
This edition published by arrangement with Razorbill, a division of Penguin Young Readers Group, a member of Penguin Group (USA) Inc.

Walkman é marca registrada de Sony Corporation.

Editora-chefe Claudia Morales
Editor Fabricio Waltrick
Editora assistente Malu Rangel
Preparadora Tereza Gouveia
Coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista
Revisora Cláudia Cantarin

Arte
Editor de arte Vinicius Rossignol Felipe
Capa retina78
Diagramadora Thatiana Kalaes
Editoração eletrônica Hey Bro Comunicação Ltda.
Mapa da cidade Christian Fuenfhausen

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J46t

Asher, Jay, 1975-
Os 13 porquês / Jay Asher ; tradução José Augusto Lemos.
1. ed. - São Paulo : Ática, 2009.
256p. : - (Série Z)

Tradução de: *Thirteen reasons why*
ISBN 978-85-08-12665-1

1. Ficção norte-americana. I. Lemos, José Augusto.
II. Título: Os 13 porquês. III. Série.

09-2936.

CCD: 813
CDU: 821.111-3

ISBN 978 85 08 12665-1 (aluno)
ISBN 978 85 08 12666-8 (professor)
Código da obra CL 736872

2012
1ª edição
4ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2009
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 — CEP 02909-900 — São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 — atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br — www.atica.com.br/educacional

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



OS 13
JAY ASHER

PORQUÊS

Tradução
José Augusto Lemos

ea
editora ática

Para JoanMarie

— Senhor? — ela repete. — Quando você quer que chegue?

Esfrego a sobrancelha esquerda com dois dedos. Lateja cada vez mais.

— Tanto faz — respondo.

A atendente pega o pacote. A mesma caixa de sapatos que estava na porta da minha casa há menos de vinte e quatro horas; embrulhada de novo num saco de papel pardo, fechado com durex, exatamente como a recebi. Mas agora com um novo destinatário. O nome seguinte na lista de Hannah Baker.

— Os treze porquês — murmuro. Sinto um calafrio só de pensar.

— Desculpe, não entendi.

Faço um gesto com a cabeça.

— Quanto é?

Ela pega a caixa e digita uma sequência de números no teclado.

Coloco em cima do balcão o copo de café que comprei no posto de gasolina e olho para a tela. Puxo umas notas da carteira, procuro algumas moedas no bolso e ponho o dinheiro ao lado do copo.

— Acho que o seu café ainda não fez efeito — ela diz com ironia.

— Está faltando um dólar.

Entrego o dólar e esfrego os olhos para afugentar o sono. Tomo

um gole do café, que a esta altura está morno e duro de engolir. Mas preciso acordar.

Ou talvez não. Talvez seja melhor passar o dia sonâmbulo. Talvez seja a única maneira de aguentar este dia até o fim.

— Deve chegar amanhã — a atendente informa. — Talvez depois de amanhã.

Ela joga a caixa num carrinho.

Eu deveria ter esperado até o final da aula. Deveria ter dado um último dia de paz à Jenny.

Ainda que ela não mereça.

Quando chegar em casa amanhã, ou depois de amanhã, ela vai encontrar um pacote na porta da frente. Ou em cima da cama, se a mãe ou o pai ou outra pessoa chegarem primeiro. E vai pirar. Eu pirei. Um pacote sem remetente? Esqueceram ou foi intencional? Talvez um admirador secreto?

— Quer o recibo? — pergunta a atendente.

Com a cabeça, digo que não.

Mesmo assim, a impressora cospe um recibo. Observo a atendente cortar o papel na serrilha de plástico e jogá-lo no lixo.

É o único correio da cidade. Será que foi a mesma funcionária que atendeu as outras pessoas da lista, as que receberam o pacote antes de mim? Será que elas guardaram o recibo como um souvenir bizarro? Esconderam na gaveta das meias? Pregaram nos seus murais de cortiça?

Quase peço meu recibo de volta. Quase digo: “Desculpe, mas vou querer o recibo sim”. Como lembrança.

Se bem que, se eu quisesse uma lembrança, poderia ter feito cópia das fitas ou guardado o mapa. Mas nunca mais quero ouvir aquelas fitas de novo, mesmo por que a voz dela jamais vai sair da minha cabeça. E as casas, as ruas e o colégio estarão ali para me lembrar.

Agora não está mais nas minhas mãos. O pacote já está a caminho. Saio do correio sem o recibo.

Minha cabeça ainda está latejando debaixo da sobancelha esquerda. Estou com um gosto azedo na boca. Quanto mais me aproximo do colégio, mais perto estou de ter um surto.

Eu quero surtar. Quero cair no chão e me arrastar para dentro dos arbustos. Porque logo depois dos arbustos, a calçada faz uma curva, contornando o estacionamento da escola. Atravessa o gramado e invade o prédio principal. Chega até a porta da frente e vira um corredor, ziguezagueando entre fileiras de armários e salas de aula, até desembocar na porta da minha classe.

Ali, de frente para os alunos, estará o sr. Porter. Ele será o último a receber um pacote sem remetente.

No meio da sala, à esquerda, estará a carteira de Hannah Baker.
Vazia.

ONTEM

UMA HORA DEPOIS DA AULA

Um pacote do tamanho de uma caixa de sapatos está apoiado na porta da frente. A porta da minha casa tem uma pequena abertura por onde o carteiro coloca a correspondência, mas qualquer coisa mais grossa que um sabonete é deixada do lado de fora. Um rabisco apressado no embrulho endereça o pacote a Clay Jensen, por isso o pego e entro em casa.

Levo o pacote para a cozinha e o coloco em cima do balcão. Abro a gaveta das tralhas e pego a tesoura. Passo uma das lâminas em torno dele e levanto a tampa. Dentro da caixa de sapato tem um rolo de plástico-bolha. Desembrulho e encontro sete fitas cassete.

No canto superior de cada fita há um número pintado em azul-escuro, talvez com esmalte de unha. Cada lado tem um número. Um e dois na primeira fita, três e quatro na seguinte, cinco e seis, e assim por diante. A última fita tem um treze de um lado, mas nada do outro.

Quem enviaria uma caixa de sapatos cheia de fitas? Ninguém mais ouve fitas cassete. Será que tem algum jeito de tocá-las?

A garagem! O rádio na bancada de madeira. Meu pai o comprou usado por uma ninharia. Como é antigo, ele não se importa se o aparelho ficar coberto de serragem ou respingado de tinta. Mas o que importa mesmo é que ele tem toca-fitas.

Arrasto um banquinho até a bancada, largo a mochila no chão e sento. Aperto o *eject* do toca-fitas. Uma porta de plástico se abre, e coloco a primeira fita.

FITA 1: LADO A



Olá, meninos e meninas. Quem fala aqui é Hannah Baker. Ao vivo e em estéreo.

Não acredito.

Sem promessa de retorno. Sem bis. E, desta vez, sem atender aos pedidos da plateia.

Não posso acreditar. Hannah Baker se matou.

Espero que vocês estejam prontos, porque vou contar aqui a história da minha vida. Mais especificamente, por que ela chegou ao fim. E, se estiver escutando estas fitas, você é um dos motivos.

Quê? Como assim?!

Não vou dizer qual fita tem a ver com sua participação na história. Mas, não precisa ter medo. Se você recebeu essa caixinha bonitinha, seu nome vai aparecer... Eu prometo.

Afinal, uma garota morta não mentiria.

Espera aí! Isso está parecendo uma piada. Por que uma garota morta não mentiria? Resposta: porque ela não pode mais falar!

Será que é um bilhete de suicídio às avessas?

Vai, pode rir.

Tudo bem. Eu achei engraçado.

Antes de Hannah morrer, ela gravou este monte de fitas. Mas por quê?

As regras são bem simples. São só duas. Número um: você escuta. Número dois: você repassa. Espero que nenhuma delas seja fácil para você.

— O que você está ouvindo?

— Mãe!

Levanto rápido e aperto várias teclas ao mesmo tempo.



— Pô, mãe, você me assustou! Não é nada. É só um trabalho de escola.

Minha resposta automática para tudo. Vai sair e voltar tarde? Trabalho de escola. Precisa de mais dinheiro? Trabalho de escola. Agora, as fitas de uma menina. A menina que engoliu um monte de comprimidos há duas semanas.

Trabalho de escola.

— Posso ouvir?

— Não é meu. — Arrasto a ponta do pé no chão. — Estou ajudando um amigo. É de história. E é chato.

— Se é assim, então você é mesmo um bom amigo.

Ela se apoia no meu ombro, ergue um trapo empoeirado, uma das minhas velhas fraldas de pano, e tira uma fita métrica guardada embaixo. Beija minha testa.

— Vou te deixar em paz.

Espero a porta ser fechada, coloco o dedo sobre o *play*. Meus dedos, minhas mãos, meus braços, meu pescoço, tudo em mim parece oco. Sem forças para apertar uma simples tecla.

Pego a fralda e jogo sobre a caixa de sapatos para tirá-la da minha visão. Queria nunca ter visto aquela caixa, nem as sete fitas dentro dela. Apertar o *play* a primeira vez foi fácil. Moleza. Não tinha ideia do que ouviria.

Mas, agora, é uma das coisas mais assustadoras que já fiz.
Abaixo o volume e aperto *play*.



... um: você escuta. Número dois: repassa. Espero que nenhuma delas seja fácil para você.

Quando terminar de ouvir os treze lados — porque há treze lados para toda história — rebobine as fitas, coloque-as de volta na caixa e repasse-as para quem vier depois da sua historinha. E você, que é o felizardo número treze, pode levar as fitas direto para o inferno. Dependendo da sua religião, talvez eu encontre você por lá.

Caso você se sinta tentado a romper as regras, saiba que fiz uma cópia das fitas. Essas cópias serão liberadas de uma maneira bem escandalosa se o pacote não passar por todos vocês.

Não tomei essa decisão no calor do momento.

Não me menosprezem... mais uma vez.

Não. De modo algum ela poderia pensar nisso.

Vocês estão sendo observados.



Meu estômago se contrai todo, pronto para me fazer vomitar se eu deixar. Perto de mim tem um balde plástico, de cabeça para baixo, em cima de um banquinho. Com dois passos posso alcançar a sua alça e virá-lo para cima, se precisar.

Eu mal conhecia Hannah Baker. Quer dizer, queria conhecê-la. Queria conhecê-la melhor, mas não tive muita oportunidade. No verão, trabalhamos juntos no cinema. Não faz muito tempo, ficamos numa festa. Mas não tivemos oportunidade de nos aproximar. E nunca a menosprezei. Nunca.

Essas fitas não deveriam estar aqui. Não comigo. Só pode ser engano.

Ou uma brincadeira de mau gosto.

Puxo a lata de lixo, arrastando-a. Apesar de já ter olhado uma vez, observo o embrulho de novo. Deve ter um endereço de remetente em algum lugar. Talvez eu não tenha enxergado.

As fitas do suicídio de Hannah Baker estão passando de mão em mão. Alguém fez uma cópia e me mandou só para me zoar. Amanhã, na escola, quando me virem, alguém vai rir, ou dar um sorrisinho malicioso e desviar o olhar. Aí eu vou saber.

E então? O que vou fazer?

Não sei.



Quase que eu esqueço. Se você estiver na minha lista, deve ter recebido um mapa.

Deixo o embrulho cair de novo no lixo.

Eu estou na lista.

Algumas semanas atrás, alguns dias antes de Hannah tomar os comprimidos, enfiaram um envelope pela fresta do meu armário na escola. No lado de fora do envelope estava escrito em caneta vermelha: “Guarde isto. Você vai precisar”. Dentro, tinha um mapa da cidade dobrado. Mais ou menos uma dezena de estrelas vermelhas marcavam diferentes áreas.

Nos primeiros anos da escola, usamos esses mesmos mapas da Câmara de Comércio para aprender o norte, sul, leste, oeste. Pequenos números azuis, espalhados pelo mapa, remetiam ao nome dos estabelecimentos listados nas margens.

Guardei o mapa na mochila. Pensei em mostrar para o pessoal da escola, para ver se mais alguém tinha recebido. Para ver se alguém sabia o que significava aquilo. Mas, com o tempo, acabou escorregando para baixo dos livros e cadernos e me esqueci totalmente dele.

Até agora.

Nas fitas vou falar de vários lugares da nossa querida cidade para você visitar. Não posso forçar ninguém a ir até lá, mas, se você estiver a fim de entender o que realmente aconteceu, então siga as estrelas. Ou, se preferir, jogue fora o mapa. E eu nunca vou ficar sabendo.

Enquanto Hannah fala através dos alto-falantes empoeirados, sinto o peso da mochila pressionar minha perna. Lá dentro, amassado em algum lugar no fundo, está o mapa.

Ou, talvez, eu fique sabendo. Na verdade, não tenho muita certeza de como essa coisa de morte funciona. Talvez eu esteja atrás de você bem agora.

Eu me inclino para a frente, apoiando os cotovelos na bancada. Enterro o rosto entre as mãos, escorrego os dedos para trás e me surpreendo com o cabelo molhado de suor.

Desculpa! Isso não foi legal.

Pronto, sr. Foley?

Justin Foley. Um aluno do último ano. Foi o primeiro beijo da Hannah.

Mas por que eu sei disso?

Justin, docinho, você foi meu primeiríssimo beijo. A primeiríssima mão que eu segurei. Mas você não passou de um cara mais ou menos. E não digo isso para ser má — não. Tinha alguma coisa em você que me fez precisar ser sua namorada. Até hoje, não sei bem que coisa era essa. Mas estava lá... e era de uma força absurda.

Você não sabe disso, mas, há dois anos, quando eu estava no primeiro ano e você no segundo, eu costumava seguir você. Como aula prática, eu havia escolhido trabalhar na secretaria, por isso sabia quais eram suas aulas. Fiz até uma cópia dos seus horários, que tenho guardada aqui em algum lugar. E, quando vasculharem meus pertences, provavelmente vão jogá-la fora, pensando que uma paixão de aluna do primeiro ano não tem importância. Mas será que tem?

Para mim, tem. Voltei no tempo até você para encontrar um início para a minha história. Aqui é onde ela realmente começa.

Então, onde estou nessa lista, entre essas histórias? Segundo? Terceiro? Será que vai piorar conforme for se desenrolando? Ela disse que o décimo terceiro felizardo podia levar as fitas para o inferno.

Quando você chegar ao fim das fitas, Justin, espero que compreenda o seu papel nisso tudo. Porque talvez pareça um papel pequeno agora, mas é importante. No fim, tudo tem importância.

Traição. É um dos piores sentimentos.

Sei que você não tinha intenção de me magoar. Na verdade, a maioria de vocês, que estão ouvindo as fitas, provavelmente não tinha ideia do que estava fazendo... — do que estava realmente fazendo.

O que eu estava fazendo, Hannah? Porque sinceramente não sei. Aquela noite, se for a noite que estou pensando, foi tão estranha para mim quanto para você. Talvez até mais para mim, já que continuo sem saber o que aconteceu.

Nossa primeira estrela vermelha pode ser encontrada em C-4. Com o dedo, ache a letra C e desça até o número 4. Isso mesmo, como batalha naval. Quando você terminar de ouvir esta fita, vá até lá. Nós moramos naquela casa por pouco tempo, no verão anterior ao meu ano de caloura no colégio; foi a primeira casa onde moramos quando chegamos à cidade.

E foi onde te vi pela primeira vez, Justin. Talvez você se lembre. Você estava apaixonado pela minha amiga Kat. Faltavam ainda dois meses para as aulas, e a Kat era a única pessoa que eu conhecia, porque morava bem na casa ao lado. Ela me contou que você tinha ficado em cima dela no ano anterior. Não literalmente em cima, lógico. Só paquerando e esbarrando acidentalmente nela pelos corredores.

Quer dizer, os esbarrões eram por acaso, certo?

Kat me contou que, no baile do fim de ano, você finalmente criou coragem para fazer algo além de olhar e trombar com ela. Vocês dançaram todas as músicas lentas juntos. Ela me falou que não ia demorar para deixar você beijá-la. O primeiríssimo beijo da vida dela. Que honra!

As histórias devem ser pesadas. Pesadas mesmo. É só por isso

que as fitas estão passando de uma pessoa para outra. Por medo.

Por que alguém iria querer enviar pelo correio um pacote de fitas que culpassem você por um suicídio? Ninguém ia querer fazer isso. Mas Hannah quer que nós, todos da lista, escutemos o que ela tem a dizer. E faremos o que ela diz, passando as fitas adiante, nem que seja só para mantê-las longe das pessoas que não estão na lista.

“A lista”. Soa como um clube secreto. Um clube exclusivo.

E, por alguma razão, estou nele.

Eu queria saber como você era, Justin, por isso ligamos da minha casa e pedimos para você dar um pulo até lá. Ligamos da minha casa porque Kat não queria que você soubesse onde ela morava... pelo menos não ainda... se bem que a casa dela ficava bem do lado.

Você estava jogando bola — basquete, beisebol, sei lá — e só podia aparecer mais tarde. Então, nós ficamos esperando.

Basquete. Muitos de nós, calouros do ensino médio, jogamos naquele verão, sonhando em entrar para o time do colégio. Justin, apesar de estar então só no segundo ano, já tinha um lugar reservado no time da universidade. Por isso, jogávamos com ele. Queríamos ser bons. Alguns conseguiram.

Outros, infelizmente, não.

Ficamos sentadas na sacada, conversando durante horas, quando, de repente, você e um de seus amigos — oi, Zach! — subiram a rua.

Zach? Zach Dempsey? A única vez que eu vi Zach com Hannah, mesmo que rapidamente, foi na noite que eu a conheci.

Duas ruas se encontram na frente da minha antiga casa, como um T de cabeça para baixo. Vocês vinham subindo pelo meio da rua, na nossa direção.

II

Espera. Espera. Eu preciso pensar.

Cutuco um respingo de tinta laranja seca na madeira. Por que estou escutando isso? Quero dizer, por que estou passando por

isso? Por que simplesmente não arranco a fita do aparelho e jogo a caixa inteira no lixo?

Engulo com força. Lágrimas pinicam o canto dos meus olhos.

Porque é a voz da Hannah. Uma voz que pensei que jamais ouviria novamente. Não posso jogá-la fora.

E por causa das regras. Olho para a caixa de sapatos escondida debaixo da fralda de pano. Hannah disse que fez uma cópia das fitas. Mas e se ela não fez? Talvez se o lance das fitas for interrompido, se eu não passá-las adiante, fique por isso mesmo. A coisa acaba. Nada acontece.

Mas e se tiver algo nessas fitas que possa me magoar? E se não for uma brincadeira? Aí, um segundo jogo de fitas vai vir a público. Foi isso que ela disse. E todo mundo vai ficar sabendo o conteúdo delas.

O pontinho de tinta se solta como uma casca de ferida.

Quem arrisca testar se ela está blefando?



Você pulou a sarjeta e botou um pé no gramado. Só que meu pai tinha deixado os regadores automáticos ligados durante a manhã inteira. A grama estava molhada, por isso seu pé deslizou para a frente e você caiu num espacato. Zach olhava fixamente para a janela, tentando obter uma visão melhor da nova amiga da Kat — esta que vos fala —, e tropeçou em você, aterrissando ao seu lado.

Você o empurrou e se levantou. Aí, ele também se levantou, e vocês dois se olharam sem saber direito o que fazer. E qual foi a decisão de vocês? Desceram a rua correndo, enquanto Kat e eu ríamos como loucas na janela.

Eu lembro disso. Kat achou muito engraçado. Ela me contou na festa de despedida dela naquele verão.

A festa em que vi Hannah Baker pela primeira vez.

Puxa. Achei Hannah tão bonita. E nova na cidade, foi o que realmente me pegou. Naquela época, quando encontrava uma garota,

minha língua se enrolava em nós que até um escoteiro não conseguiria desfazer. Mas, com ela, eu podia tentar ser uma versão atualizada e melhorada de mim, Clay Jensen, o calouro do ensino médio.

A Kat se mudou antes de começarem as aulas, e eu me apaixonei pelo garoto que ela deixou. E não demorou muito para aquele garoto começar a demonstrar interesse por mim. Talvez pelo fato de eu parecer estar sempre por perto.

Não fazíamos as mesmas aulas, mas as nossas salas no primeiro, quarto e quinto horários pelo menos eram próximas uma da outra. Certo, no quinto horário era uma caminhada e tanto, às vezes eu não conseguia chegar lá antes de você sair, mas o primeiro e quarto horários ficavam no mesmo corredor.

Na festa da Kat, todo mundo foi para o quintal, embora estivesse congelando. Foi provavelmente a noite mais fria do ano. E eu, é claro, esqueci minha jaqueta em casa.

Depois de um tempo, consegui dar um jeito de dizer oi. E um tempinho depois, você conseguiu dar um jeito de responder. Aí, um dia, passei por você sem dizer nada. Sabia que você não aguentaria essa, o que acabou nos levando à nossa primeiríssima conversa de várias palavras.

Não, foi isso: deixei a jaqueta em casa porque queria que todo mundo visse minha camisa nova.

Que idiota.

“Oi!”, você disse. “Não vai me dizer oi?”

Eu sorri, respirei, aí me virei.

“Por que deveria?”

“Porque você sempre diz oi.”

Perguntei por que se achava tão sabido a meu respeito. Disse que você provavelmente não sabia nada sobre mim.

Na festa da Kat, eu me abaixei para amarrar o sapato durante minha primeira conversa com Hannah Baker. E não conseguia fazer aquilo. Eu não conseguia amarrar aquele estúpido cadarço porque meus dedos estavam anestesiados de tanto frio.